

## Imortalidade, ciência e mídia: entre o possível, o almejado e o ficcional

Éverly Pegoraro<sup>1</sup>

**Resumo:** Informações, conceitos e a espetacularização que circulam na mídia invadem a vida cotidiana, modelando opiniões e comportamentos sociais, fornecendo subsídios para a formação de identidades, mostrando e nos ensinando sobre o que pensar, temer e ambicionar. Ao falar sobre imortalidade, o discurso midiático mescla ciência, tecnologia, ficção científica e até mesmo cultura cibernética, principalmente estabelecendo relações com o combate ao envelhecimento. Este artigo aponta algumas facetas contemporâneas da busca pela imortalidade, apontando a tecnociência e o aparato biotecnológico dela resultante como estratégias no reforço aos ideais de corpos perfeitos, ávidos ao consumo e à longevidade.

**Palavras-chave:** mídia; tecnociência; imortalidade

**Abstract:** Information, concepts and the spectacularization that surround the media invade the daily life, molding opinions and social behaviors, giving them subsidies to the constitution of identities, showing and teaching us about what we must think, fear and aspire. Talking about immortality, the media discourse mixes science, technology, science fiction and even cybernetic culture, mainly setting up connections with the combat against aging. This paper shows some contemporary issues about the immortality, pointing out the technoscience and its biotechnological apparatus as strategies to reinforce the ideals of perfect bodies, eager to consumption and longevity.

**Keywords:** media; technoscience; immortality

No amanhecer de seu 18º aniversário, Bella despertou de um pesadelo que refletia seus temores juvenis. No sonho, sua imagem se confundia com a da avó, “anciã, enrugada e murcha”. Ao seu lado, o namorado Edward permanecia com 17 anos, para sempre. As inquietações de Bella fazem parte do livro *Lua Nova*, da saga *O Crepúsculo*, romance voltado ao público jovem que, pelo sucesso de vendas, foi adaptado ao cinema e tornou-se, igualmente, recorde de

---

<sup>1</sup> Doutoranda (Eco/UFRJ).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9340856019120479>

---

bilheteria<sup>2</sup>. O dilema da personagem principal, sujeita como qualquer mortal às mudanças naturais que fazem parte do processo de crescimento, amadurecimento e envelhecimento, levou-a a abdicar de sua condição humana e tornar-se imortal, permanentemente jovem para ficar ao lado de Edward.

Há muito tempo sonha-se com a imortalidade, atingida na juventude, de preferência. É o velho desejo de Peter Pan de nunca envelhecer. Algumas das tentativas vêm do Oriente, como a do imperador chinês Quin Shi Huang (210 a.C.). Em seu reinado, alquimistas tinham por missão encontrar a fórmula da vida eterna. O imperador chegou a enviar 500 crianças em viagem ao Mar do Japão para encontrar o elixir da vida eterna. Huang morreu precocemente e louco.

Outro chinês obcecado pela vida eterna era o alquimista Ko Hung (343 d.C.). Ele acreditava que a imortalidade poderia ser alcançada se o interessado adotasse uma dieta pobre em calorias, ingerisse certas ervas, fizesse exercícios respiratórios e tomasse sulfeto de mercúrio. Com exceção do último conselho, todos os demais, de certa forma, ainda hoje fazem parte da agenda de promessas.

Uma das mais conhecidas buscas pela imortalidade deve-se ao explorador espanhol Juan Ponce de León (1520). Alimentado pelas histórias de nativos em Porto Rico, ele liderou uma expedição para encontrar a fonte da juventude. A aventura levou-o a descobrir a região que posteriormente se tornou a Flórida, nos Estados Unidos.

Para os cristãos, a imortalidade é uma promessa divina, uma recompensa para aqueles que são fiéis aos ensinamentos bíblicos. “Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá; e todo o que vive e crê em mim não morrerá, eternamente”, é o que promete Jesus Cristo, no Evangelho de João. Entretanto, a promessa para os cristãos inclui, necessariamente, a morte

---

<sup>2</sup> Os quatro livros da série de Stephenie Meyer – Crepúsculo, Lua Nova, Eclipse e Amanhecer – já venderam 100 milhões de exemplares em todo o mundo. Todos foram adaptados ao cinema e são recordes de bilheteria.

---

física. Só se tornará imortal (em um plano sobrenatural) aquele que morrer, caminho que parece não agradar aos que buscam tornar-se perpétuos.

Mas nem só de lendas e crenças alimenta-se a busca pela imortalidade. Atualmente, ela adquire novos discursos, novas promessas, novas fórmulas. É possível alcançá-la? De que tipo ela seria? Está ao alcance de qualquer um obtê-la? O discurso midiático mescla em um mesmo caldeirão ciência, tecnologia, ficção científica e até mesmo a cultura cibernética quando trata do assunto, principalmente relacionando-o ao combate ao envelhecimento e a juventude eternamente bela.

A revista Galileu<sup>3</sup>, por exemplo, destaca quatro chaves para a imortalidade, que seriam as “apostas dos cientistas para deter o envelhecimento”: restrição calórica (numa versão contemporânea dos conselhos de Ko Hung); telomerase, medicina regenerativa e nanotecnologia. Assim, cortar cerca de 8% das calorias; usar corriqueiramente a enzima telomerase (os telômeros relacionam-se com a interrupção da divisão celular e ao envelhecimento das células<sup>4</sup>); ter a possibilidade, graças ao uso de células-tronco, de substituir órgãos doentes; e contar com a ajuda de robôs microscópicos navegantes no organismo (que “consertarão” músculos, ossos e tendões problemáticos) aumentarão em “níveis impensáveis” a expectativa de vida da humanidade. Entretanto, a própria promessa da restrição calórica tem limites e inconvenientes que são timidamente apontados nas reportagens que a mídia divulga, se comparados às ambições dos pesquisadores do assunto. Entre eles, fraqueza e pouca disposição para atividades essenciais.

O americano Ray Kurzweil, um dos mais ferrenhos pesquisadores e defensores da imortalidade, semelhantemente aponta três fases no caminho para uma vida “quase imortal”: programa de longevidade, o qual envolve mudança de vida; revolução biotecnológica, através das descobertas sobre o

---

<sup>3</sup> Viver para sempre (Galileu, maio de 2006).

<sup>4</sup> Em outubro de 2009, três pesquisadores americanos ganharam o Prêmio Nobel de Medicina com uma pesquisa que relaciona os telômeros às causas do processo de envelhecimento celular.

---

código genético; e revolução nanotecnológica que, segundo o cientista, permitirá a reconstrução total do corpo humano com nanorrobôs<sup>5</sup>.

A mistura entre o possível, o almejado e o ficcional contribui para legitimar a velha concepção da ciência como a mais provável provedora de avanços e melhoras para o homem, amparada no discurso que também carrega, em si, o poder de verdade: o jornalístico. Informações, conceitos e a espetacularização que circulam na mídia invadem a vida cotidiana, modelando opiniões e comportamentos sociais, fornecendo subsídios para a formação de identidades, mostrando-nos e ensinando-nos sobre o que pensar, temer e ambicionar.

Um desejo audacioso é o que sugere, por exemplo, a reportagem de capa da Superinteressante<sup>6</sup>: não morrer de velho, ser imortal e, principalmente, com o “corpinho que você sempre quis”. Para garantir isso, a ciência entra em cena, preparando um “arsenal de drogas e tecnologia que promete mantê-lo vivo para sempre”. E a revista aponta até a data para que a revolução ocorra: “Dentro de 50 anos, o conceito de expectativa de vida deve estar superado – nós viveremos por um tempo indefinido”.

Amparada pelo discurso midiático, a tecnociência traz soluções que prometem amenizar os horrores do envelhecimento e, à moda contemporânea, garantir a imortalidade. A mesma reportagem da Superinteressante apresenta promessas que seriam cômicas, não fosse o tom futurista e lógico do discurso jornalístico legitimado, é claro, pelas entrevistas de vários “imortalistas”, aqueles cientistas que se dedicam a pesquisar fórmulas para combater o envelhecimento e promover a vida eterna. Vale a pena citar algumas dessas promessas.

Passar fome faz todos viverem mais. A justificativa é que, ao longo da História, sempre que o homem passou por períodos de escassez de alimentos, as células do organismo dos mais “adaptados” entram num estado de alerta para otimizar recursos. A partir desse conceito, e já antevendo os lucros que podem

---

<sup>5</sup> Especial Longevidade. Os donos do tempo (Veja, 15 jun. 2011).

<sup>6</sup> Você pode ser imortal (Superinteressante, fevereiro de 2010).

ser obtidos dessa constatação, há indústrias farmacêuticas empenhadas em criar pílulas, baseadas em substâncias como o resveratrol (encontrado em alguns tipos de uva) e a rapamicina. É interessante observar como o jornalismo científico simplesmente endossa as promessas de pesquisas dessa natureza, sem problematizar o assunto em seus contornos econômicos e políticos, já que a mesma matéria aponta que uma indústria farmacêutica britânica pagou US\$ 720 milhões em 2008 pelo direito à pesquisa. Além disso, a ingestão de drogas artificiais para imitar a restrição calórica<sup>7</sup> no organismo como solução para “nos dar 10 anos extras de vida” não parece, a princípio, a mais coerente e a mais barata.

A mesma reportagem da Superinteressante ainda sinaliza que respirar pode ser um problema para aqueles que almejam viver mais. O oxigênio é um dos mais potentes radicais livres, que são os vilões do envelhecimento. A solução seria, então, comer ou beber alimentos enriquecidos que evitassem a ação dos radicais livres. Por exemplo, trocar a ingestão de H<sub>2</sub>O por D<sub>2</sub>O (água enriquecida com deutério), como o pesquisador russo e fundador da companhia Retrotope (obviamente especializada em investigar o assunto), Mikhail Shchepinov, faz todos os dias. Entretanto, ainda não se sabe o quanto se pode tomar do líquido sem provocar efeitos tóxicos no corpo, alerta a reportagem.

Essas e outras pesquisas em desenvolvimento publicizadas pela mídia, principalmente a especializada em ciência e tecnologia, comparam o corpo a uma máquina que precisa de reparos e constante aperfeiçoamento.

Para que seu possante fique sempre em ordem, você o abastece regularmente com combustível, troca as peças, conserta as batidas... Não que ele vá ficar com cheirinho de novo, mas continuará rodando pra sempre se fizermos manutenção. No corpo, vale a mesma regra: cada iniciativa já proposta pela ciência para prolongar a vida só garante alguns quilômetros a mais se usada sozinha. Para chegar à imortalidade de fato [!], precisaremos é de um serviço completo, que

---

<sup>7</sup> O mesmo assunto é abordado nos especiais Longevidade (Época, março de 2006); Longevidade e Juventude (Veja, janeiro de 2009).

---

ofereça todo tipo de reparo de que nosso corpo necessita (Você pode ser imortal, Superinteressante, fevereiro de 2010).

Zygmunt Bauman lembra que precisamos refletir sobre o que queremos, desejamos ou almejamos, assim como sobre as substâncias de nossos anseios e desejos, pois estes estão mudando no curso e em consequência do consumismo.

As aspirações da vida moderna a um corpo perfeito refletem, também, na forma como se encara a velhice. Quando se aceita a ideia de que o corpo é uma máquina ou um produto que precisa estar em constante aperfeiçoamento para não falhar ou decepcionar o seu “proprietário”, para usar uma linguagem conveniente aos ditames da sociedade consumista, associar a velhice à incapacidade ou defasagem é apenas uma consequência.

As limitações naturais resultantes do processo de envelhecimento tornam-se um empecilho ao bom desempenho exigido. Na sociedade de consumidores definida por Bauman, o próprio corpo transforma-se numa mercadoria que, com o passar dos anos, torna-se defeituosa, imperfeita ou improdutiva, portanto, não mais satisfatória, requerendo processos que evitem, ou pelo menos, retardem tais efeitos. “A sociedade dos consumidores desvaloriza a durabilidade, igualando “velho” a “defasado”, impróprio para continuar sendo utilizado e destinado à lata de lixo” (BAUMAN, 2008a, p. 31).

As preocupações para evitar o processo de “defasagem” e envelhecimento modificam a própria percepção acerca do corpo, que passa a ser promovido à categoria de objeto de culto. Angústia com a idade, aversão às inconvenientes rugas, frustração com o processo natural e contínuo de envelhecimento se traduzem em um verdadeiro investimento narcísico no corpo através das mais variadas estratégias, como problematiza Gilles Lipovetsky.

Na complexidade contemporânea, o corpo, mesmo quando pensado como máquina ou produto, deixa a sua posição de materialidade muda, em prol de uma identificação própria como ser-sujeito:

Enquanto pessoa, o corpo ganha dignidade; devemos respeitá-lo, quer dizer zelar permanentemente pelo seu bom funcionamento, lutar contra a sua obsolescência, combater os signos da sua degradação

através de uma constante reciclagem cirúrgica, desportiva, dietética, etc.: a decrepitude ‘física’ tornou-se uma torpeza.

Chr. Lasch mostra-o bem: o moderno medo de envelhecer e de morrer é um elemento constitutivo do neo-narcisismo; o desinteresse pelas gerações futuras intensifica a angústia da morte, enquanto que a degradação das condições de existência das pessoas idosas e a necessidade permanente de valorização, de ser admirado pela beleza, pelo encanto, pela celebridade, tornam a perspectiva do envelhecimento intolerável... (LIPOVETSKY, 1989, p. 58).

Lipovetsky delega o interesse do indivíduo em conservar-se ao processo de personalização que engendra uma existência baseada simplesmente em uma subjetividade sem finalidade ou sentido.

A personalização do corpo mobiliza o imperativo da juventude, a luta contra a adversidade temporal, o combate tendo em vista a identidade a conservar sem hiato nem desgaste. Continuar jovem, não envelhecer: é o mesmo imperativo de funcionalidade pura, o mesmo imperativo de reciclagem, o mesmo imperativo de dessubstancialização, espiando os estigmas do tempo a fim de dissolver as heterogeneidades da idade (LIPOVETSKY, 1989, p. 58-9).

Decorrente de uma sociedade individualista, a tarefa de manter-se jovem e ser imortal ao estilo contemporâneo também é um processo individual. De nada adianta a ciência e a tecnologia lutarem para nos propiciarem a eternidade, se cada um não assumir a responsabilidade que lhe cabe. “Boa saúde é fundamental. Sem ela, ninguém será capaz de desfrutar dos avanços prometidos por cientistas e médicos”<sup>8</sup>.

A empreitada individual reiterada por esse tipo de discurso reflete a vontade e a necessidade de se ter controle sobre si, estendidas, agora, até os limites da imortalidade. O *tornar-se velho* não significa, necessariamente, que você *deva ficar* velho. “Fazer de si mesmo uma mercadoria vendável’ é um trabalho do tipo faça-você-mesmo e um dever individual. Observemos: *fazer* de si mesmo, não apenas *tornar-se*, é o desafio e a tarefa a ser cumprida” (BAUMAN, 2008a, p. 75).

---

<sup>8</sup> Viver para sempre (Galileu, maio de 2006).



No especial Longevidade, da revista *Época*<sup>9</sup>, o estilo de vida é apontado como o fator que mais influencia na longevidade. Assim, dieta balanceada, exercícios físicos, vida social ativa estão entre os itens que devem constar na agenda daqueles que adotam um estilo saudável. Um dos personagens usado como exemplo, pois mantém a “forma física invejável que ostenta aos 72 anos”, faz uma verdadeira maratona de atividades desportivas: joga tênis cinco vezes por semana, faz musculação às terças e quintas-feiras e ainda pratica *kitesurf* aos fins de semana para relaxar.

A medicina estimula a medicalização da existência, aponta Lipovetsky, e o indivíduo responde com a parte que lhe cabe. A busca da otimização da saúde se dá pela autovigilância e pelas práticas tecnocientíficas. Os esforços são exaustivos, angustiantes e, ao que parecem, pouco prazerosos, já que se fundam em exigências, vigilâncias, culpas e monitoramento da saúde. “Declina a cultura do *carpe diem*: sob a pressão exercida pelas normas de prevenção e de saúde, o que predomina é não tanto a plenitude do instante quanto um presente dividido, apreensivo, assombrado pelos vírus e pelos estragos da passagem do tempo” (LIPOVETSKY, 2004, p. 73).

Os sacrifícios modernos, traduzidos em novas atitudes para com o corpo e a saúde, indicam uma obsessão cada vez mais precoce na prevenção aos potenciais danos que possam vir a acontecer. Os aspirantes à própria perpetuação renunciam prazeres imediatos, alterando comportamentos e hábitos cotidianos.

Eis a saúde erigida em valor primeiro e aparecendo como uma preocupação onipresente quase em qualquer idade: curar as doenças já não basta, agora se trata de intervir a montante para desviar-lhes o curso, prever o futuro, mudar os comportamentos em relação às condutas de risco, dar provas de boa ‘observância’ (LIPOVETSKY, 2007, p. 53).

O cultivo da própria imagem integra a constituição da identidade que passa, essencialmente, pelo reconhecimento do outro. É em resposta a essa “necessidade da alta performance em estado de visibilidade permanente”, que

---

<sup>9</sup> Especial Longevidade (*Época*, março de 2006).



---

se busca, através de inúmeras técnicas que prometem ser milagrosas, “dominar essa carnalidade incômoda”, imperfeita e sujeita às ações do tempo (SIBILIA, 2010).

Tais cerimônias envolvem o investimento em fluxo contínuo de três recursos dos mais prezados na cosmologia contemporânea: tempo, dinheiro e dor. Assim, junto com certo impulso virtualizante que caracteriza a tecnociência contemporânea, com sua pretensão de ultrapassar os limites materiais do corpo humano, transformando suas essências em informação passível de ser decodificada – e eventualmente reprogramada –, novas formas de ascetismo se desenvolvem. Tudo para delinear um corpo elaborado como uma imagem lisa e pura, um modelo corporal insuflado pelo horizonte digitalizante que norteia a nossa cultura. Isto é, um corpo icônico, desprovido de qualquer mácula ou defeito, uma silhueta desenhada exclusivamente para o consumo visual (SIBILIA, 2010, p. 205).

Os valores e desempenhos individuais baseiam-se, por sua vez, em produtos e serviços oferecidos por um mercado ávido em agradar seus clientes insatisfeitos. A todo instante, a mídia traz fórmulas individualistas para viver mais e melhor, não envelhecer, retardar os efeitos “nocivos” do tempo, adotar valores e hábitos saudáveis. Nessas orientações, o que se prega é que são as escolhas individuais que definem quem cada um é e como será o seu futuro. Não levá-las a sério pode representar um porvir desastroso ou, pelo menos, a derrota sob vários aspectos.

Bombardeados de todos os lados por sugestões de que precisam se equipar com um ou outro produto fornecido pelas lojas se quiserem ter a capacidade de alcançar e manter a posição social que desejam, desempenhar suas obrigações sociais e proteger a auto-estima – assim como serem vistos e reconhecidos por fazerem tudo isso –, consumidores de ambos os sexos, todas as idades e posições sociais irão sentir-se inadequados, deficientes e abaixo do padrão a não ser que respondam com prontidão a esses apelos (BAUMAN, 2008a, p. 74).

---

Medo de não corresponder aos padrões, de ser rejeitado, de envelhecer e deixar de ser útil, de morrer. Por trás de cada promessa milagrosa da tecnociência, cultivada e vendida pela cultura da mídia, alimentam-se os medos sociais, culturalmente reciclados que orientam comportamentos, modelam percepções, criam expectativas ou frustrações. Bauman conceitua o medo social como o sentimento de ser suscetível ao perigo, o que ocasiona insegurança e vulnerabilidade. “Uma pessoa que tenha interiorizado uma visão de mundo que inclua a insegurança e a vulnerabilidade recorrerá rotineiramente, mesmo na ausência de ameaça genuína, às reações adequadas a um encontro imediato com o perigo; o ‘medo derivado’ adquire a capacidade da autopropulsão” (BAUMAN, 2008b, p. 9).

Ao mesmo tempo em que se prega uma atitude individualista com relação ao seu corpo, exaltando o desejo de domínio sobre saúde, beleza e idade, observa-se uma certa impotência do sujeito perante as opções que lhe são oferecidas, sobretudo as químicas, que o tornam dependentes de substâncias que agem sobre seu organismo sem sua intervenção, como as pílulas mencionadas anteriormente. Como salienta Lipovetsky (2007, p. 57), “quanto mais é reivindicado o pleno poder sobre sua vida, mais se espalham novas formas de sujeição dos indivíduos”.

Gilles Deleuze aponta que as sociedades de controle não agem mais por disciplinarização dos indivíduos, como Michel Foucault anteriormente minuciou, mas por uma espécie de convencimento contínuo sobre as ações do indivíduo, para que ele internalize como iniciativa suas atitudes moduladas por padrões da sociedade de controle. Esta, mais condizente com o momento atual ao qual estaríamos inseridos, conta com a tecnociência e o aparato biotecnológico dela resultante para alimentar e reforçar ideais de corpos perfeitos, ávidos a consumir aquilo que a cultura midiática aponta e espetaculariza.

Assim, já que o corpo é apresentado como propriedade, ele torna-se também uma responsabilidade pessoal para o bem social. O biopoder, responsável pela administração dos corpos e pela gestão calculista da vida,

como conceitua Foucault, gere processos, intervenções e controles que se exercem sobre o indivíduo e os processos biológicos, para maior e melhor utilização de corpos e mentes. Preocupações com a sobrevivência, o prolongamento da vida, a proteção do meio ambiente, são fruto de uma biopolítica da espécie, alimentada desde o século XVIII, no sentido de preservação da vida.

### **O preço da imortalidade**

Envelhecer é um processo solitário, vergonhoso e até mesmo desesperador, para alguns como a adolescente Isabella, 15 anos, em confissão a revista *Veja*. A reportagem tratava da onda vampiresca que invade cinema e seriados televisivos, principalmente depois do sucesso da saga *Crepúsculo*, personificando os ideais de beleza e juventude eternas. Isabella admite que seu maior medo, o de envelhecer, inspira-se justamente na cena descrita no início deste texto (o pesadelo de Bella). Os ditames da indústria da beleza já conseguiram convencer a adolescente sobre o que está ao seu alcance fazer para evitar processo tão amedrontador aos olhos dela: “É triste ver como a idade vai tirando o nosso frescor. Infelizmente, no mundo real a juventude eterna ainda é um sonho. Por isso, eu me cuido desde já. Sol, nem pensar. A pele clara é meu padrão de beleza”<sup>10</sup>.

Obedecer aos ditames do mercado cosmético é apenas um dos reflexos mais óbvios de uma cultura hedonista. Os seus ícones são vendidos como exemplos bem-sucedidos da combinação predisposição individual, intervenções da medicina e tratamento cosmético:

Aos 46 anos, a atriz americana Demi Moore é um dos melhores exemplos de como é possível envelhecer bem. Ela hoje está muito melhor do que aos 20 anos. Demi Moore soube tirar proveito da genética privilegiada. Além de muita ginástica e alimentação rigorosíssima, a atriz está exuberante graças às cirurgias e tratamentos cosméticos (Por que ficamos velhos, *Veja*, janeiro de 2009).

---

<sup>10</sup> A eterna sedução dos vampiros (*Veja*, julho de 2010).

Outro conceito importante para o discurso midiático sobre longevidade é sentir-se útil. Geralmente, essa ideia vem associada à continuidade produtiva através do trabalho. O especial da *Época* sobre longevidade traça um paralelo entre envelhecer nas zonas rurais e urbanas, argumentando que o trabalho é uma das motivações dos idosos cheios de energia. “Nas zonas rurais, cada pessoa tem uma atividade definida, que precisa ser cumprida para a garantia da sobrevivência de todos’, diz o consultor de empresas Renato Bernhoeft. É diferente da zona urbana, onde os profissionais se aposentam aos 70 anos, quando poderiam viver em plena atividade intelectual”<sup>11</sup>.

Continuar trabalhando eternidade adentro é uma das recompensas que a *Superinteressante* aponta como vitória da ciência sobre a finitude.

Aposentar-se por idade no Brasil significa descansar só nos últimos 10% da vida, em média. Se chegarmos aos 300 anos de idade, a labuta irá até os 270 [!]. Isso se o governo quiser pagar aposentadoria. Afinal, você continuará jovem e produtivo o suficiente para pegar no batente. Para não morrer de tédio – de tanto trabalhar na mesma coisa –, o jeito vai ser exercer profissões diferentes. ‘Será possível ter mais de uma carreira ou aprender vários idiomas. O homem terá uma sabedoria jamais vista’, diz Anders Sandberg, neurocientista da Universidade de Oxford (*Você pode ser imortal, Superinteressante*, fev 2010).

Mas é claro que toda imortalidade tem o seu preço. A contemporânea vai onerar mais ainda os cofres públicos. No discurso midiático, se envelhecer é um processo desgastante é porque o indivíduo deixa de ser produtivo para o sistema e, conseqüentemente, torna-se um gasto. “O envelhecimento, se mal administrado, gera um custo alto”<sup>12</sup>. Este custo alto fragmenta-se em vários setores: espaço, emprego e, claro, previdência, preocupações básicas do ser humano.

O Estado acaba “rebaixando” temores como esses para o domínio da “política da vida”, dirigida individualmente, enquanto o mercado de consumo

<sup>11</sup> Como passar dos 100 (*Época*, março de 2006).

<sup>12</sup> O lado B da vida longa (*Época*, março de 2006).

fornece as estratégias e os produtos para combatê-los (BAUMAN, 2008b). Assim, continuar trabalhando deixa de ser uma necessidade de subsistência, realidade vivida por uma significativa parcela dos idosos brasileiros, para se tornar uma espécie de estratégia de revivificação pessoal e, por que não, social:

Foi-se o tempo em que a aposentadoria representava um ponto final na vida produtiva. É comum hoje em dia que executivos aposentados continuem nas empresas como consultores ou interinos – profissionais contratados por seis meses ou um ano para cumprir uma missão específica... (A hora é agora, Veja, janeiro de 2009).

De certa forma, trata-se de um retorno à condição de vida que a humanidade sempre teve: trabalhar até morrer. Foi apenas no século XX que o descanso remunerado passou a existir de forma institucionalizada. E, embora não trabalhar seja um sonho para quase todo mundo, a maioria dos aposentados logo se ressentem da falta do que fazer (O lado B da vida longa, Época, março de 2006).

Outro preço alto a ser pago pela imortalidade seria resultado da clonagem. Desde a “criação” da ovelha Dolly, este sempre foi um assunto polêmico, permeado por promessas de aperfeiçoamento humano e curas para as mais variadas doenças. Como não poderia deixar de ser, a fé na imortalidade a partir do avanço biotecnológico fez parte das discussões.

Jean Baudrillard lança todos os seus temores sobre uma possível imortalidade adquirida através da clonagem no livro *A Ilusão Vital* (2001). Foi nesse ano que a empresa de biotecnologia norte-americana *Advanced Cell Technology (ACT)* anunciou ter feito o primeiro clone humano e a partenogênese (em que um óvulo dá origem a um embrião sem necessidade de espermatozóide)<sup>13</sup>.

Para Baudrillard, a clonagem, em todas as suas manifestações, e a técnica conhecida como criogenia<sup>14</sup> são o resultado da fantasia humana fundamental e

---

<sup>13</sup> De acordo com a *ACT*, nem a clonagem humana nem a partenogênese anunciadas objetivavam dar origem a bebês, mas extrair células-tronco de embriões – aquelas que dão origem a qualquer órgão ou tecido. Cf. Empresa americana faz clones humanos para extrair células de embrião para pesquisa (Época on line, 26/11/2001).

<sup>14</sup> Técnica de congelamento de cadáveres a temperaturas muito baixas.

ativa de adquirir a imortalidade. Ele defende que a clonagem e a conseqüente imortalidade que ela enseja escondem o projeto de reconstruir um universo homogêneo, um *continuum* artificial, feito de cópias idênticas. O indivíduo anseia para que a morte seja apagada, incluída apenas como realidade virtual, como uma opção passível de ser negociada, alterada, eliminada. E é justamente na possibilidade de se tornar imortal, de anular as diferenças, que estaria o “mais terrível dos destinos”, pois a capacidade de morrer seria, para Baudrillard, uma conquista obtida à força de luta constante, que converteu o homem no que ele é hoje.

O processo de “construção” de uma perfeita seleção artificial implicaria o fim da seleção natural (na qual se inclui, necessariamente, a morte). Exageros à parte, Baudrillard acredita que a humanidade arriscaria a sua própria existência, não pela seleção natural, mas pelo seu desvio. A justificativa do filósofo relaciona-se com a dissociação entre a reprodução e o sexo através dos “modos de reprodução assexuais e tecnológicos”, como a inseminação artificial e a clonagem, que acabariam por colocar um fim à própria espécie humana tal qual a conhecemos. Paralelamente a libertação virtual do sexo, ocorreria a libertação da morte: já que a vida pode ser criada artificialmente com a justificativa de proteção à própria vida, torna-se obsoleta a morte.

### **Imortalidade virtual**

Inserir toda a essência de uma pessoa em um corpo robótico ou mesmo orgânico, preservando-a virtualmente pela eternidade. Essa é a sugestão lançada pela revista Planeta, em sua reportagem de capa<sup>15</sup>: O caminho da Imortalidade – como a tecnologia permite nos tornar eternos.

A matéria apresenta o projeto americano *Lifenaut*, cujo objetivo é preservar e disponibilizar a “essência” de uma pessoa em corpo real ou virtual. Para isso, o projeto divide-se em dois estágios: o *biofile*, que é o armazenamento das células e do DNA por meio da criogenia (aquela criticada por Baudrillard e

---

<sup>15</sup> O caminho da Imortalidade (Planeta, agosto de 2010). O mesmo assunto é abordado na reportagem Eu e meu avatar, da revista *Info*, em setembro de 2010, edição 295.

---

utilizada para congelamento de embriões); e o *mindfile*, que é a extração e o armazenamento virtual de características da personalidade, comportamento, costumes, enfim, a “essência” de cada um.

*My Life Bits* é outro projeto americano cujo autor, Gordon Bell, digitalizou (ou monitorou?) a última década de sua vida, através de *softwares* experimentais e equipamentos, como uma câmera digital que consegue tirar até 200 fotos automaticamente por hora<sup>16</sup>.

Para os defensores da imortalidade digitalizada, o homem é um sistema de informação que, com investimento da ciência e da tecnologia, pode ser transferido, reprogramado, conectado com outros sistemas de informação, robôs, organismos geneticamente modificados<sup>17</sup>.

Mais do que simular uma eternidade virtual através de avatares, projetos como o *Lifenaut* e o *My Life Bits* prometem, a partir das experiências tecnocientíficas, antecipar potenciais problemas que o indivíduo possa ter durante sua vida para solucioná-los ou, pelo menos, amenizá-los. Os avatares seriam espécies de “gêmeos virtuais” que reproduziriam todas as características genéticas do indivíduo “original”. Assim, a versão virtual seria a “cobaia” para testar tratamentos ou medicamentos, avaliando eventuais efeitos colaterais<sup>18</sup>.

A reportagem da revista Planeta ilustra bem uma das conotações contemporâneas para a imortalidade – a virtual – reflexo do desejo cada vez mais naturalizado de promover a adesão entre o tecnológico e o orgânico, entre o humano e a máquina.

As promessas da virtualidade tecnológica em prol da imortalidade não são recentes no discurso midiático. Cientistas são comumente encontrados em matérias que fazem previsões, realistas ou ficcionais, sobre o assunto. Em julho de 2005, por exemplo, a revista Veja publicava uma entrevista com Ian Pearson, futurólogo (essa é realmente a denominação do cargo ocupado pelo

---

<sup>16</sup> Cf. Eternamente digital (Veja, novembro de 2009); Viver para sempre (Galileu, maio de 2006).

<sup>17</sup> Viver para sempre (Galileu, maio de 2006).

<sup>18</sup> O caminho da Imortalidade (Planeta, agosto de 2010).



entrevistado) da empresa inglesa de telecomunicações *British Telecom*, na qual ele presumia um tipo de eternidade, seletiva à condição financeira de seus pretendentes. “Dentro de cinquenta anos, pelo menos os mais ricos terão acesso a uma espécie de ‘imortalidade eletrônica’. Mais tarde, pode ser possível instalar esse cérebro em um andróide parecido com você e viver como se nada tivesse acontecido”<sup>19</sup>, previa Pearson.

O cientista, inventor e futurista Ray Kurzweil, já citado anteriormente, aposta no hibridismo homem e tecnociência, ao defender o que denomina como “singularidade”: um tempo no futuro onde “misturados com as máquinas, os humanos vão ficar mais espertos e viverão para sempre”<sup>20</sup>. Na sua luta pessoal contra os sinais do tempo, pode-se dizer que Kurzweil é mais um refém da artificialização e dos imperativos de uma sociedade narcísica e hedonista, ao tomar cerca de 230 suplementos alimentares regularmente. “Eu tomo suplementos e sigo uma dieta especial. Para cada aspecto do envelhecimento – do cérebro, do olho, da pele, do sistema digestivo –, sigo um programa baseado em suplementos e aspectos nutricionais. Também monitoro a saúde, vigiando cerca de cinquenta fatores do sangue”<sup>21</sup>. Kurzweil, que não é bobo (e ainda age como muitos mortais ambiciosos), abriu uma empresa com o médico que acompanha seu “tratamento” obcecado através de cápsulas, comercializando pela internet os suplementos que consome<sup>22</sup>.

Promessa, maldição, recompensa. As diferentes roupagens e intenções que a imortalidade assume na atualidade, amparadas pelo discurso tecnocientífico e midiático, servem para colocar ao nosso alcance uma série de processos e produtos que prometem ser miraculosos. Eles abastecem um mercado ávido por combater o medo cada vez mais precoce de envelhecer, que orienta atitudes e escolhas, comportamentos e visões de mundo. E potencial público consumidor é o que não parece faltar. Pela primeira vez, entre 2015 e 2020, o mundo terá mais idosos acima de 65 anos do que crianças. Em 2040, a

---

<sup>19</sup> Nosso cérebro viverá para sempre (Veja, julho de 2005).

<sup>20</sup> A caminho da vida eterna (Galileu, julho de 2009).

<sup>21</sup> Seremos todos *cyborgs* (Veja, novembro de 2006).

<sup>22</sup> Especial Longevidade. Os donos do tempo (Veja, 15 jun. 2011).

---

estimativa é de haja 1,3 bilhão de pessoas com essa idade (em 2010, de acordo com o Censo Demográfico do IBGE, só no Brasil já eram 14 milhões de pessoas com mais de 65 anos).

Essa obsessão traduz-se praticamente em cuidados excessivamente narcísicos com o corpo. Quando a preocupação é demasiada com apenas um aspecto da existência, geralmente outros são deixados de lado ou desvalorizados. A consagração social da juventude como fase ideal (e única) para ser feliz e o envelhecimento como um processo de deterioração que conduz à inutilidade são conceitos cristalizados a partir disso. Sempre foi comum associar a velhice à sabedoria, resultante de um processo de experiências acumuladas ao longo da vida que tornavam a pessoa mais sábia e prudente. Hoje, ser velho é sinônimo de ser ultrapassado.

Os patamares exigidos e almeçados de ideal de corpo acabam por simplificar e reduzir a experiência humana à aparência e à necessidade de visibilidade. “Assim, numa busca paradoxal pela satisfação individual e pela autoestima, essa dinâmica tão contemporânea pode dar à luz subjetividades extremamente vulneráveis, escravizadas pela lisura do próprio umbigo” (SIBILIA, 2010, p. 207).

Na ficção, geralmente o imortal considera-se um amaldiçoado, alguém que foi condenado por circunstâncias alheias a sua vontade a viver eternamente, a não ter a chance de escolher morrer. Já na Grécia antiga, os gregos mantinham uma relação diferente com a morte: escolher morrer, heroicamente, de preferência, era uma forma nobre de ser perpetuado. Situação diferente dos aspirantes a *highlanders* contemporâneos, que querem simplesmente negar a morte por vontade própria, ambicionando tornarem-se jovens perfeitamente perpétuos.

## Referências

A caminho da vida eterna. *Galileu*, jul. de 2009.

A hora é agora. Especial Longevidade e Juventude. *Veja*, 7 jan. de 2009.

A eterna sedução dos vampiros. *Veja*, 14 jul. 2010.

- 
- BAUDRILLARD, Jean. *A ilusão vital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008a.
- \_\_\_\_\_. *Medo líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008b.
- BÍBLIA SAGRADA. Revista e atualizada no Brasil. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- Como passar dos 100. Especial Longevidade. *Época*, 13 mar. 2006.
- DELEUZE, Gilles. Post-Scriptum sobre as sociedades de controle. In: *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- Empresa americana faz clones humanos para extrair células de embrião para pesquisa. *Época on line*, 26/11/2001. Disponível em [http://epoca.globo.com/nd/20011126ct\\_a.htm](http://epoca.globo.com/nd/20011126ct_a.htm), acesso em 13 de outubro de 2010.
- Especial Longevidade e Juventude. *Veja*, 7 jan. de 2009.
- Especial Longevidade. *Época*, 13 mar. 2006.
- Eternamente digital. *Veja*, 18 nov. de 2009.
- Eu e meu avatar. *Info*, set. de 2010.
- FOUCAULT, Michel. Direito de morte e poder sobre a vida. In: *Historia da Sexualidade: A vontade de saber*, v.1. Rio de Janeiro: Graal, 1980.
- LIPOVETSKY, Gilles. *Felicidade Paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.
- \_\_\_\_\_. *A Era do Vazio*. Lisboa: Antropos. 1989.
- MEYER, Stephenie. *Lua Nova*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2008.
- O caminho da Imortalidade. *Planeta*, ago. de 2010.
- O lado B da vida longa. Especial Longevidade. *Época*, 13 mar. 2006.
- Por que ficamos velhos. Especial Longevidade e Juventude. *Veja*, 7 jan. de 2009.
- Nosso cérebro viverá para sempre. *Veja Especial*, jul. de 2005.
- Seremos todos *cyborgs*. *Veja*, 15 nov. de 2006.
- SIBILIA, Paula. Em busca da felicidade lipoaspirada: agruras da imperfeição carnal sob a moral da boa forma. In: FREIRE FILHO, João (org.). *Ser feliz hoje: o imperativo da felicidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.
- Você pode ser imortal. *Superinteressante*, fev. de 2010.
- Viver para sempre. *Galileu*, mai. de 2006.